

FABRIS, Y. PURAS MISTURAS: AS NARRATIVAS SOBRE CULTURA POPULAR NO PAVILHÃO DAS CULTURAS BRASILEIRAS EM 2010.

Georgia Graichen B. Guterres

Mestranda em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na linha de pesquisa Mediações e Cultura. Possui graduação em Bacharelado em Design pela UTFPR. Seus temas de pesquisa e interesse são: Design e Cultura, Cultura Material e Memória e Patrimônio.

Resumo. Este resumo tem como objetivo apresentar o trabalho de dissertação de Yasmin Fabris (2017), em que a autora realiza uma análise crítica à exposição “Pura Misturas” que aconteceu no ano de 2010 no Pavilhão de Culturas Brasileiras, localizado dentro do Parque Ibirapuera em São Paulo. O trabalho que apresenta uma análise da curadoria e da expografia, nos conduz pela mostra de maneira crítica e bem referenciada, possibilitando uma visita à exposição por meio da leitura da dissertação.

Palavras-chave. cultura popular, expografia, curadoria, pavilhão das culturas brasileiras, puras misturas.

Abstract. This abstract is meant to present the dissertation work of Yasmin Fabris (2017), where the author performs a critical analysis of the exhibition “Puras Misturas” held in 2010 at the Pavilhão de Culturas Brasileiras, located inside the Ibirapuera Park in São Paulo. The work presents an analysis of curatorship and exhibition design that guides us through the exhibition in a critical and well - referenced way, making it possible to visit the exhibition through the reading of the paper work.

Keywords. popular culture, exhibition design, curatorship, pavilhão das culturas brasileiras, puras misturas.



O texto aqui resenhado apresenta a dissertação de Yasmin Fabris¹, no qual a autora reflete sobre a exposição “Puras Misturas” que aconteceu no Pavilhão de Culturas Brasileiras, localizado dentro do Parque do Ibirapuera em São Paulo, no ano de 2010.

O principal objetivo desta pesquisa era identificar narrativas sobre cultura popular que aparecem na mostra “Puras Misturas”, a partir de análise da curadoria e da expografia dessa exposição. Ao construir um adensamento deste projeto, por meio de uma reconstrução de estratégias curatoriais, identificação de vozes ativas dentro da construção da exposição, entrevistas com os responsáveis pelo conceito, organização e desenvolvimento do projeto e de uma profunda leitura e análise documental, a autora nos convida a passear pelo Pavilhão de Culturas Brasileiras com um olhar crítico e preciso. Mostrando que as exposições “(des)constroem, deslocam e reforçam, por meio da organização dos objetos e dos conteúdos apresentados na arena expositiva, narrativas sobre os valores que atravessam a vida social” (p.19).

A metodologia científica apresentada por Fabris consiste em uma importante análise documental de diversas tipologias, como a narrativa dos sujeitos que fizeram parte da mostra – com base na análise pela história oral por meio de entrevistas como método para obtenção de documentos; o catálogo da mostra; os projetos expográficos; os textos de parede, assim como as legendas das peças que foram expostas e fotografias da exposição. Para a organização destes documentos a autora separou as informações por núcleos expositivos, elaborando, assim, um protocolo a fim de coletar saberes específicos para dar início ao processo de descrição e reconstrução do evento.

O Pavilhão de Culturas Brasileiras, local onde foi realizada a exposição, foi um museu idealizado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e entrou em funcionamento no ano de 2007. Este início aconteceu quando, por determinação do Ministério Público, o município de São Paulo recebeu a guarda do acervo Rossini Tavares de Lima, pertencente ao antigo Museu do Folclore. Por meio da figura do então Secretário da Cultura, Carlos Augusto Calil (gestão 2005-2012), e com a assessoria especializada coordenada pela curadora Adélia Borges, foi definida, ainda em 2007, as diretrizes desta nova instituição.

O espaço tinha como pretensão criar um ambiente para o povo brasileiro se reconhecer e ser reconhecido, colocando em diálogo as diferentes culturas do país, onde foi apresentado, lado a lado, o erudito e o popular. A inauguração



deste espaço foi a exposição “Puras Misturas”. Com duração de sete meses, a mostra teve como objetivo anunciar as intenções desta nova instituição. A exposição apresentou cinco módulos temáticos além de performances por coletivos indígenas e populares.

A autora relata que o trajeto percorrido pelo espectador até a entrada do Pavilhão é nortado, por um lado, pela imponência de grandes prédios com caráter modernista e por outro, envolvido pela exuberância do paisagismo do Parque Ibirapuera. Ainda destaca, alçada em Gonçalves (2004), que para os novos cenários da arte a questão da arquitetura dos museus e do seu entorno cumpre um papel importante para a qualidade teatral das exposições.

Esta dissertação relata que a cenografia para um projeto expositivo vai muito além de uma característica de suporte, pois carrega a responsabilidade de aproximar o objeto do visitante, sustentando conceitos e também acrescentando ruídos. A expografia de “Puras Misturas”, como mostra Fabris, foi realizada pelo arquiteto Pedro Mendes e que, para ele, as relações do espaço expositivo com o edifício eram “um elemento tão importante quanto o diálogo e as orientações das curadoras. Foi nos contornos do prédio que o arquiteto encontrou modos para acomodar os artefatos na arena expositiva” (p.118). Sendo assim, a materialidade do projeto gera uma disputa de ideias e de valores.

Apoiada em Obrist (2014), Fabris coloca que o que antes era uma pessoa (o curador), hoje é o projeto de curadoria. Adélia Borges, responsável pelo projeto do museu do Pavilhão de Culturas Brasileiras, também foi responsável pela curadoria de “Puras Misturas”. Integravam a equipe curatorial, além de Adélia Borges (Curadora Geral): Cristina Barreto (Curadora Adjunta), José Alberto Nemer, Vera Lúcia Cardim de Cerqueira e Baixo Ribeiro. É visto nessa dissertação que as escolhas feitas pelos curadores dentro do projeto constituem uma arena de disputas mediadas por interesses políticos, teóricos e pessoais. Sendo a escolha curatorial nunca uma escolha neutra.

Ao entrar na exposição, Fabris relata um “Hall de acolhimento” com artefatos característicos da cultura popular (um carrinho de venda de quebra-queixo, um carrinho de venda de café e um carrinho de pipoca) e dois textos explicativos sobre a mostra (um assinado por Carlos Augusto Calil, Secretário de Cultura da época, e outro pelo grupo de curadores). No piso térreo, o primeiro módulo que o visitante tinha contato era o intitulado “Viva a diferença!”, onde estavam expostos bancos de origens distintas, confeccionados por arte-



sãos, designers e grupos indígenas. Este era o único módulo em que o visitante poderia interagir com a exposição, podendo sentar e experimentar os diferentes artefatos.

O módulo seguinte chamava-se “Abre-alas” e tinha a finalidade de homenagear os pesquisadores das Missões Folclóricas da década de 1930. Já o terceiro módulo, intitulado “Da Missão à Missão”, carregava um caráter histórico. Pretendia expor, por meio de uma extensa linha do tempo, as iniciativas já realizadas no país sobre a documentação da cultura popular brasileira.

Ao acompanhar o percurso previsto pelo projeto da exposição, apresentava-se o módulo “Fragmentos de um Diálogo”. Este, que teve co-curadoria de José Alberto Nemer, tinha como objetivo evidenciar a proposta conceitual do Pavilhão de Culturas Brasileiras e para materializar os conceitos desse projeto foram expostas doze células temáticas que buscavam diálogos entre culturas letradas e iletradas, evidenciando seus diálogos, tensões e contaminações.

No lado de fora do edifício ficou o módulo “Extramuros”, com a co-curadoria de Baixo Ribeiro. Este módulo era composto por uma série de grafites que foram feitos durante a abertura da exposição. E, ao chamar a atenção dos visitantes que passavam pelo Parque Ibirapuera, dialogava com os conceitos apresentados dentro e fora do espaço expositivo.

A autora coloca que quando foi realizada a exposição o museu estava fixado de maneira improvisada, ainda mais se comparado com outros museus que habitam o Ibirapuera. Sem uma estrutura aceitável de acervo e as reformas previstas para o edifício ainda eram iniciais.

Com essa dissertação é possível corroborar com a ideia de que a “estadia dos artefatos no museu deve ser interpretada apenas como um estágio na sua biografia cultural” (p.75). Por meio do caminho traçado do projeto até a execução da mostra a autora apresenta argumentos sobre a cultura popular brasileira presentes na exposição e um constante tensionamento principalmente no que diz respeito à expografia e ao projeto curatorial.

Entende-se assim a artificialidade da oposição artefato x ideias pois, como apresentado pela autora, as disputas que ocorrem na arena expositiva acontecem de maneira simultânea, por mais que ora um se evidencie mais que o outro. Ao trazer vários olhares para o projeto, Fabris utiliza-se do artifício de um resgate constante do seu lugar de fala e de intenções durante toda a leitura,



apropriando-se da exposição e conduzindo o leitor de maneira delicada, sempre muito bem pautada de referências. Apresentando assim, na trajetória desse projeto, a importância da organização dos objetos para a construção da narrativa de uma exposição.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Lisbeth R. *Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2004.

OBRIST, Hans Ulrich. *Caminhos da Curadoria*. Rio de Janeiro, Cobogó: 2014.

NOTAS

1 Yasmin Fabris concluiu o seu mestrado no Programa de Tecnologia e Sociedade pela UTFPR. Atualmente ela é doutoranda no Programa de Design da UFPR.

